

Título original
CHAGRIN D'ÉCOLE

Copyright © Éditions Gallimard, 2007

Direitos para a língua portuguesa reservados
com exclusividade para o Brasil à
EDITORA ROCCO LTDA.
Avenida Presidente Wilson, 231 – 8º andar
20030-021 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001
rocco@rocco.com.br
www.rocco.com.br

Printed in Brazil/Impresso no Brasil

preparação de originais
CARLOS NOUGUÉ

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

P461d Pennac, Daniel, 1944-
Diário de escola / Daniel Pennac; tradução de Leny
Werneck. – Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

Tradução de: Chagrin d'école.
ISBN 978-85-325-2372-3

I. Pennac, Daniel, 1944-. 2. Escritores franceses –
Biografia. 3. Educação – França. I. Werneck, Leny.
II. Título.

08-2863

CDD-848
CDU-821.133.1-94

A presença deles na sala de aula... Nada cômodo, para esses meninos e essas meninas, oferecer cinqüenta e cinco minutos de concentração, em cinco ou seis aulas sucessivas, de acordo com o emprego, tão particular, que a escola faz do tempo.

Um quebra-cabeça, o horário! Repartição de aulas, de matérias, de alunos, em função do número de salas, da constituição de grupos de estudo, do número de matérias opcionais, da disponibilidade dos laboratórios, dos desideratos incompatíveis do professor disso e da professora daquilo... É verdade que hoje em dia a cabeça do diretor é salva pelo computador, ao qual ela confia seus parâmetros: “Sinto muito pela sua tarde de quarta-feira, professora, é o computador.”

– Cinqüenta e cinco minutos de francês – eu explicava aos meus alunos – é uma pequena hora que nasce, tem meio e fim, é uma vida inteira, resumindo.

Papo furado, eles poderiam responder: uma vida de literatura, uma vida de matemática, que dá numa plena existência de história, que impele você, sem nenhuma razão, para outra vida, inglesa essa, ou alemã ou química, ou musical... Quantas reencarnações num dia só! E sem nenhuma lógica! É *Alice no país das maravilhas* este seu horário: a gente toma chá com o coelho em março e se encontra, sem transição, jogando críquete com a rainha de copas. Um dia passado no liquidificador de Carroll, sem o lado maravilhoso dele, e você fala de uma ginástica! E ainda por cima num clima de rigor e que nada tem a ver com nenhum comércio, uma absoluta desordem, desenhada como um jardim à francesa, bosque de cinqüenta e cinco minutos seguido de bosque de cinqüenta e cinco minutos. Parecidos com isso, só existem mesmo o dia de trabalho do psicanalista e o

salame do salsicheiro, também cortados em fatias assim, iguais. E isso durante todas as semanas, o ano inteiro! O acaso sem surpresa, que prazer!

Seria tentador responder-lhes: parem de reclamar, e ponham-se no nosso lugar, a comparação de vocês com o psicanalista, aliás, não é ruim. Ele, todos os dias no seu consultório, coitado, vendo desfilar a infelicidade do mundo e nós em nossas salas de aula vendo desfilar a ignorância do mundo, em grupos de trinta e cinco, horário fixo, durante toda a nossa vida, a qual – percepção logarítmica ou não – é muito mais longa do que a sua bem curta juventude, vocês vão ver, vocês vão ver...

Mas não, nunca se pede a um aluno que se coloque no lugar do professor, a tentação da chacota é forte demais. E nunca se deve propor a ele que compare o seu tempo com o nosso: a nossa hora não é mesmo a dele, não evoluímos na mesma duração. Quanto a lhe falar de nós ou dele mesmo, não dá: sem assunto. A nós cabe manter o que decidimos: essa hora de gramática deve ser uma bolha de ar no tempo. Meu trabalho consiste em fazer com que meus alunos se sintam existir *gramaticalmente* durante cinquenta e cinco minutos.

Para chegar lá, não se pode perder de vista que as horas não são parecidas: as horas da manhã não são as da tarde; as horas do acordar, as horas digestivas, aquelas que precedem o recreio, aquelas que a ele se seguem, todas são diferentes. E a hora que se sucede à aula de matemática não se apresenta como a que se segue à aula de ginástica...

Essas diferenças não têm nenhuma incidência sobre a atenção dos bons alunos. Eles dispõem de uma faculdade abençoada: trocar de pele com conhecimento de causa, no bom momento, no bom lugar, passar do adolescente agitado ao aluno atento, do perdidamente enamorado ao matemático concentrado, do brincalhão ao sério, do distante ao aqui, do passado ao presente, das matemáticas à literatura... É a rapidez de encarnação que distingue os bons alunos dos alunos problemáticos. Estes, como reprovam seus professores, estão quase sempre distantes. Eles se livram com mais dificuldade da hora precedente, se arrastam numa lembrança ou se projetam num desejo qualquer de outra coisa. A cadeira deles é o trampolim que

os impele para fora da sala, no mesmo segundo em que se instalam. A menos que eles durmam. Se eu quero a plena atenção mental deles, é preciso ajudá-los a se instalar nas minhas aulas. Os meios para conseguir? Isso se aprende, ainda que longamente. Uma única certeza é que a presença dos meus alunos depende estreitamente da minha: da minha presença junto à turma inteira e junto a cada indivíduo em particular, da minha presença na minha matéria também, da minha presença física, intelectual e mental, durante os cinquenta e cinco minutos que vai durar a minha aula.